

AC - ... pensava bem que seria assim, né. E eu penso.. eu falei assim - bom, agora é tirar, cortar a barba. Você quer que eu te passe uma tesoura aí, uma coisa. Não há barbeiro. Aí eu... De manhã havia, os presos comuns tinham seus barbeiros etc, eu tinha ido me preparar etc. Agora não tem né. Eu posso te dar um jeito aí com uma tesoura, diminuir aí toda essa pelama que você tem, mas você tem que sair agora, né. Ele disse - Não, eu vou assim mesmo e tal. É. Vai ser um troço meio complicado, hem! Eu acho melhor que você me deixe dar um jeito nisso...

DR - Ah! Porque ele ia sair contigo também?

AC - É. Ele fazia parte dos que não tinham processo. Muito bem. Então, saímos. Saímos...

RC - E vocês eram um grupinho que ia pra mesma pensão...

AC - E nós éramos um pequeno grupo que, por sugestão do Bossa, um dos cantores das nossas noitadas da Rádio ANL, a Voz da Liberdade, e o Bossa, sargento da terceira divisão de Infantaria, era da família da noiva do Benjamin Cabejo, secretário-geral da Aliança Nacional Libertadora. E lá havia uma pensão, no Catete. Então vamos alguns de nós. Cícero, eu, um tenente do Rio Grande do Sul, chamado Batista, nós vamos pra essa pensão com o Bossa. E lá preparamos a pensão, o nosso quarto e tudo o mais e tal, estamos lá... E como chegamos lá à noite, né, jantamos qualquer coisa que nos oferecem, com muita gentileza, os donos da casa...

ac - Vocês foram de que? Você se lembra? Pegaram um bonde, trem, taxi, caminhando?

AC - Não. Eu acho que de bonde. Dinheiro a gente não tinha. Lá se ia de bonde. Eu penso que ia de bonde.

RC - Mas não tinha dinheiro nenhum?

AC - Não. Acho que não tínhamos dinheiro.

DR - Deviam ter pouquíssimo, né.

AC - Eu não me lembro desse problema. Eu sei que nós vamos pra lá e, terminado o jantar, a gente tinha a necessidade de dar uma volta, conhecer pelo menos o bairro, ir até o Flamengo, né, ver o mar...

ac - Era rua do Catete?

AC - Rua do Catete. Ver o mar, ver essas coisas. Saímos. Saímos Batista, o

Cícero, Neiva e eu. Fomos lá, precisando uma volta pra descansar, conhecer as coisas, respirar!, né. Era uma vida nova, um universo novo, né. Mas acontece que... E entramos a um momento dado num bar pra tomar um chopp e tudo o mais e tal. Nesse momento o pessoal da casa já tinha recebido do Aporéli um dinheiro pra nos dar, pra que pudéssemos sair no primeiro momento e tal. Então vamos beber um chopp e tal. E a um momento dado, estávamos bebendo o nosso chopp e a polícia entra, naturalmente, ainda é época de batida. Acabou o estado de guerra, mas foi coisa muito recente, né. E olham pra nós, normalmente, e tal. Mas olham pro Cícero que era uma coisa anormal, né. Naquele tempo não havia os barbados de hoje, né, os barbudos de hoje. Então, olham pro Cícero, que é uma coisa verdadeiramente fora da época e fora do nosso meio, e vêm perguntar quem é ele, de onde é que ele vem, quais são as funções etc. Então... o Cícero, com raiva, diz - quer brigar? - Batista e eu neutralizamos o Cícero. Eu explico que nós somos oficiais do Exército, que estamos saindo da detenção nesse momento e que estamos passeando na cidade etc. e tal. E.. Ah! Mas a polícia aí, tem dúvidas. Quando ela manifesta o mínimo de dúvidas, o Cícero diz duas ou três imprecizações em linguagem mais chula, né, e os policiais se revoltam contra esse problema, habituados naturalmente a não aceitar nem sequer reticências bem.. bem formuladas com delicadeza, e nos levam pra polícia central (risos). Na mesma noite! Nos levam pra polícia central. Lá na polícia central nós dizemos.. o Cícero, isso é um engano, uma coisa que eles vão perguntar, naturalmente, ao ministério da Justiça e vão pedir...

RC - Eles queriam pegar o Cícero, vocês pediram pra ir juntos.

AC - É isso mesmo. Eles quiseram levar o Cícero, nós pedimos pra ir juntos, pra defendê-lo, explicar as coisas etc. E lá não deixamos o Cícero falar e explicamos, pedimos que se dirigissem ao ministério da Justiça, falamos inclusive no tenente-coronel Edmundo Macedo Soares e tal, que estaria muito contente de corrigir imediatamente aquela violência, aquela agressão. Foi assim mesmo. Mas sem gritar! O Cícero gritou imediatamente, tudo o mais e tal. E quando estavam as coisas mais ou menos querendo se encaminhar para o que o Batista e eu queríamos que fosse a solução do pequeno incidente, né, a coisa evoluiu para um incidente tipo médio porque o Cícero gritou, então, eles prenderam o Cícero em uma cela. Nós protestamos vivamente, o Batista e eu, né, mas em níveis que permitissem sair. Porque nós não tínhamos ilusão sobre o respeito

à Constituição, daquela gente, né. Conhecíamos muito bem, não é. Compreende? Mas protestamos muito vivamente, muito energicamente. E saímos, né. Disse - O Cícero não vai ficar. Vocês vão ser obrigados a soltá-lo imediatamente. - Nós vamos ver isso e tudo o mais. Os senhores podem sair. - Aí nós saímos, voltamos ao nosso quarto, fomos lá pro catálogo telefônico, eu telefonei pro tenente-coronel Edmundo de Macedo Soares. - Como é Apolonio, como é que vai essa vida nova? - Essa vida nova está meio complicada, né. - (rindo). E eu explico para ele o que se passa, né. Está muito bonito o universo novo, mas hoje se passou isso assim, assim, assim. E o Batista e eu não fizemos um protesto mais gritante lá na rua da Relação, porque nós queríamos sair e nos comunicarmos com o senhor, né. Nós deixamos os protestos e dissemos que isso não ficaria assim, porque o senhor e o ministro tomariam medidas imediatas. - Disse ele - Podem ficar descansados que dentro de meia hora, uma hora, o Cícero Neiva está em sua casa etc. - E nós ficamos esperando, saboreando, fomos comprar uma cerveja para saudar a chegada do Cícero, né, logo depois. E daí a pouco chega o Cícero. Abre-se a porta assim, chega o Cícero com aquele ar de vencedor! - Disse - Vocês estão vendo, hem, com essa polícia tem que gritar! - (risos). Porque se meteram a besta comigo, gritaram, eu gritei muito mais do que eles, quiseram me prender, eu continuei gritando na prisão e tivemos que sair porque eu gritava. - Eu não queria dizer nada para o Cícero pra que ele saboreasse essa vitória por mais tempo, né. Aí o Batista contou a história do coronel Edmundo etc. e tal. E o Cícero aquietou-se, diante das novas realidades, né. (ri). E assim, nós estávamos já saídos da correção, né, dentro desse novo universo. Eu iria trabalhar, imediatamente, numa revista nacionalista, nitidamente anti-imperialista, dentro da visão do programa da Aliança Nacional Libertadora, cujo organizador, e seguramente futuro diretor, seria o Roberto Sisson. Sisson. E como todos os componentes da direção efetiva da Aliança Nacional Libertadora, tinha sido posto em liberdade conosco, naquela noite. Passei a trabalhar nessa revista, e publicaria depois um ou dois daqueles artigos que eu falei, aqueles estudos que eu tinha feito e tal. E estávamos começando a trabalhar, mas, uma tarde, eu re...

DR - Você ganhava um salário?

AC - Não. Eu não tinha salário não. Eu estava começando a trabalhar, não sabia quanto ia ganhar nem nada, nem perguntei isso, estava começando a traba-

lhar, tinha a pensão assegurada, o Aporeli.. eu estava muito ligado ao Aparí-
cio Aporeli, com o Aparício Aporelli eu ia visitar algumas figuras, amigas
da ANL, que podiam dar ajuda financeira para o problema da própria ANL, para
o problema de companheiros que saiam, pra viagem de volta às suas casas etc.
O Aporeli é que dirigia essas coisas. O Aparício Aporeli. E eu como elemento
muito ligado a ele pra essa questão. E tinha um problema de trabalho assisten-
cial nosso, né. Finance...

ac - O Aporeli era do Partido? Não?.

AC - Ele nunca me disse. Nuca me disse. Agora, o problema é o seguinte. Eu
começava a trabalhar na revista, quer dizer, numa primeira reunião com o Sig-
son e um outro companheiro, que eu não me lembro quem era, eu vi qual era o
programa, o plano, o que eu faria, os estudos que eu faria, algumas coisas e
tal, o corpo redatorial ia se compor, mas isso começava em seguida. Mas num
desses dias o Aparício Aporeli me diz assim - Você tem um encontro às 5 horas
hoje com alguém do PC. - Eu falei - Ah. Muito bem. Porque, quando eu sai, eu
disse ao Cícero Neiva, no mesmo dia em que eu sai, o Partido não fazia recru-
tamento na prisão, mas eu quero ser membro do PC. - Então, a partir de hoje,
eu sou candidato a membro do Partido. Sou membro do Partido, se vocês estão
de acordo. - Mas claro! e tal, eu vou levar pro pessoal e tal. - Eu já era
membro do PC. Aí o Aparício Toreli dizia assim - Você tem algum encontro com
o PC, às 5 horas da tarde em tal lugar. Você conhece quem é e tal. - Muito
bem. Não me disse não. Disse que eu conheceria quem era. Aí eu chego lá e en-
contro o Otávio Malta. Conversa comigo, fala da Espanha, fala da necessidade
de se criar um exército na Espanha, porque o Exército tinha todo ele ido pro
lado de Franco. A Marinha tinha ficado com a República, com o governo popular
mas o Exército tinha ido pro lado de Franco, com poucas exceções. E, natural-
mente, estava se forjando um novo exército, estava se forjando quadros. E o
problema de chegar na Espanha no quadro da solidariedade de militares com co-
nhecimentos profissionais era um problema muito importante, porque cobria uma
brecha muito séria, muito sentida no corpo de formação das forças armadas da
República. E ele diz assim - Eu acho que a luta é a mesma, a gente sentiu is-
so durante todo esse período e tudo o mais, nós achamos que a melhor maneira
de ajudar, para os que são militares, que estão fora do Exército hoje, seria
fazer uma escala na Espanha, nessa guerra.

ac - Ah! Isso já era uma sugestão do Partido!?

AC - Do Partido. Através do Otávio Malta.

NP - O primeiro encontro com o Partido já foi já

AC - Já. Essa coisa toda. - O que que você acha? - Eu falei assim - Eu acho que é uma pedida.

RC - Não. Mas assim não. Isso não se dizia naquela época.

AC - Talvez não se dissesse. Eu devo ter dado a forma correspondente. Eu sei... Eu acho que é uma coisa...

ac - Sei. Se dizia era uma coisa...

DR - É daqui, ó... ! É da pontinha! (risos)

AC - Não assim. Não assim. Não assim não. Não assim. Disse - Eu acho que é uma coisa coerente e lógica... Eu acho que de fato a gente pode...

DR - Pode-se pensar.... Porque era uma coisa grave, né.

AC - Não. Não pensar não. Não pensar. Eu acho que é uma coisa coerente e lógica. Eu acho que é a melhor maneira...

RC - Já aceito.

AC - Eu acho que o Sisson vai ficar muito brabo comigo porque eu estou num trabalho muito importante e que eu gosto muito. Que é uma revista nacionalista, anti-imperialista, no quadro do programa da Aliança Nacional Libertadora.

ac - Como é que se chamava essa revista?

AC - Não me lembro mais. Eu acho que nem nome tinha ainda.

ac - Ah. Tava nascendo a revista.

AC - Ah. Estávamos fazendo o corpo redatorial. - Então, eu disse assim - O Sisson vai ficar descontente com isso, vai ficar muito brabo com isso, porque nós estamos nos entendendo bem e estamos começando a trabalhar. Mas a proposta é uma proposta coerente, eu penso que isso é muito justo, pode contar comigo. - (ri)

RC - Assim você já aceitou.

DR - Você já aceitou na hora!

AC - Na hora. Então...

NP - Quantos dias depois de sair da...

AC - Isso deve ter sido menos de uma semana depois.

ac - Menos de uma semana.

NP - Menos de uma semana!?

os elementos positivos que me levaram a ver a luta econômica, a luta ideológica, a luta política, formas fundamentais da luta de classes, todos esses elementos positivos que me fizeram conhecer no íntimo, que existia um partido chamado Partido Comunista Brasileiro, que era um partido de vanguarda da classe operária, chamado a.. politicamente, procurar articular o seu papel nessa luta de classes, todos esses elementos positivos, tinham também alguns elementos negativos, extremamente marcantes, em seu seio ou pelo menos no seu círculo imediato. E um desses elementos, eu penso que explica, em boa parte, essa capacidade gratuita, essa disponibilidade para aceitar na proposta como a do Malta, ~~em~~ em nome do PC, que iria modificar completamente todos os meus planos de existência, de existência até então. Não só no quadro político, eu ia trabalhar, no sentido legal, numa revista nacionalista, não só no quadro profissional, porque embora deixando assim de lado as ilusões que Costa Leite me havia dado dois, três anos antes, a provável e inevitável volta a curto prazo para as fileiras do Exército, isso estava dissolvido, mas mesmo ao que se referia aos meus problemas pessoais. Uma longa ausência da minha família, dos pais e dos irmãos e demais parentes e, no fundo, um corte abrupto, violento, nos planos sentimentais, afetivos, né, matrimoniais, digamos assim, né. Porque afinal de contas eu ia casar em fevereiro de 36.

ac - Estava prometido já.

AC - Ah! Todo assegurado. (ri)

NP - Mas você, durante o período de cadeia, você não manteve contato com a noiva?

AC- Tive sim. Eu escrevia para ela. Mantinha um contato bastante ... regular embora espaçado. Porque as visitas das famílias nos permitiam entregar as cartas. Às vezes, elementos ligados a essas famílias viajavam para o sul e era mais fácil de entregar as cartas etc. e tal.

ac - Tinha o retratinho dela na carteira? Não.?

AC - Não tinha, nessa época. (rindo). Mas então, dentro desse quadro...

NP - E alguém tinha carteira naquele tempo!?

AC - ... o elemento negativo... o elemento negativo que agiria dentro de mim para aceitar essa... esse tumultuamento de perspectivas, né, de alternativas na minha vida pessoal e mesmo na minha vida política, eu acho que o elemento fundamental é que, com a assimilação de elementos que na realidade eram elemen

tos muito importantes na visão da sociedade. Sua divisão em classes, o caráter das classes, a luta econômica, a luta política. A visão dos instrumentos da luta de classe e em particular o instrumento mais alto, o Partido, né. A visão da divisão do mundo em dois sistemas políticos e sociais, capitalismo e socialismo, depois de 17, todos esses elementos eram intercalados também com uma atmosfera muito particular de canalização, sobretudo pra jovens, como eu era, jovens de 23 a 25 anos, naquele momento de prisão. A canalização do entusiasmo juvenil e da apreensão desses elementos, onde havia uma pequena base inicial científica de conhecimento da sociedade. Então, de canalização desses elementos de conscientização, para também a visão entusiástica, apaixonada, de alguns elementos fundamentais que pairavam no quadro geral e de análise da sociedade. E dentro desses elementos estava a presença dos partidos comunistas que dirigiam o processo revolucionário em várias partes do mundo, a presença dos bolchevites e a revolução de 17. A presença dos partidos comunistas nascendo, crescendo, desenvolvendo-se fora da realidade nacional, na maioria das vezes, mas sob esse halo, né, de luta, de fidelidade à classe operária, aos trabalhadores, né, e de desejo de transformação da sociedade. Então, uma espécie de visão muito respeitosa e muito entusiasta, que ao mesmo tempo tinha em elementos de uma quase visão de resíduos iniciais de uma visão religiosa, de uma visão mística, em torno de certas entidades do Partido. Em torno da sua capacidade de ação, da sua força, pela sua doutrina, né, sua trajetória, e o seu quadro internacional de experiência. E, ao mesmo tempo, a visão, aí, bastante envolta de misticismo, porque eu penso que a propaganda, nesse momento, era muito marcada por esse misticismo.

ac - Propaganda... do Partido.?

AC - De Partido. No interior do Partido. A propaganda em torno de certas figuras que se tornavam místicas, como deuses do movimento.

ac - Como?

AC - Stalin. Como os dirigentes dos Partidos e como as direções. Hoje ainda, observando essas coisas num plano inicial, que nós vamos voltar a discutir isso, procurar amadurecer essas observações que apenas se esboçam, eu tenho a impressão de seguinte, é que eu não teria tendência, pela minha própria formação, a adotar certas figuras como elementos extraordinários de lideranças elevadas à condição de personalidades excelsas, né, colocadas acima de tudo e de

todos. O que se chamaria depois o culto à personalidade. Eu nunca fui.. nunca tive esse culto pelo velho Stalin, né. E dentro do respeito e do carinho que todos nós brasileiros e tantos jovens da época já tínhamos pelos valentes companheiros que fizeram os movimentos dos anos 20, a coluna, né, como Luis Carlos Prestes, né, dentro de um respeito muito grande, né, eu nunca tive também nenhum misticismo, nem me coloquei no quadro daquilo que nós poderíamos chamar a corrente volumosa, entusiásta e apaixonada dos prestistas, né. Fiquei mais num quadro de uma formação comunista, né, dentro de suas limitações infinitamente grandes, né. Então... Mas, o problema é de que a visão do Partido, a visão de seus instrumentos de sua presença política, de sua doutrina, de sua prática política, a visão do organismo de direção passaram a pesar muito sobre mim. E criou-se uma certa confiança quase ilimitada no bom senso, na capacidade, no acerto das decisões e das propostas. Eu procuro explicar essa primeira disponibilidade em função desses elementos. E se nós lemos...

ac - apesar de 35.

AC - Ah, mas eu estava ainda identificado com 35. Absolutamente identificado com 35. E hoje, ainda, eu acho que 35 tinha coisas imensamente favoráveis e positivas. Há, naturalmente, uma grande crítica de 35, mas o movimento das frentes populares... Porque, acontece o seguinte, nesse momento havia também fatores políticos.

DR - Sim. Mas quando ele fala em 35 não é o movimento da frente popular, é a insurreição, né?

ac - É. A insurreição.

AC - Não. Mas eu estou respondendo, justamente, em nome de um participante de um movimento, que foi precipitado na insurreição. Eu acho... vamos voltar depois a tratar disso, mas 35, para mim, foi algo muito... foi justo. O movimento era uma necessidade histórica, uma ampla movimentação e articulação de massas em todo o país. Um programa magnífico, para a época. Como elementos no plano nacional, no plano anti-imperialista, no plano democrático, tão altos como a eliminação de todas as leis contrárias às liberdades, aos interesses do povo. Nós já tínhamos aí, nessa época, uma lei de segurança nacional, né. A suspensão do pagamento da dívida externa, a reforma agrária. Profundamente anti-imperialista e anti-latifundiário...

RC - Isso era a parte visível, digamos, porque o resto da preparação não tem nada a ver com isso.

AC - É claro, René. É uma análise dos erros, né. Eu quero falar do movimento em si, né, como expressão de um movimento internacional, que era a tática das frentes populares, no conjunto dos países da América e da Europa, né. Mas havia também, no plano político, ao lado dessas influências que marcavam já uma deterioração no quadro de análise crítica pessoal, eu passava a ter uma posição acrítica diante da direção do Partido. Era uma espécie de atitude religiosa, em certa medida. E eu gostaria de desenvolver mais, com a ajuda de você, no curso de nossos encontros, de nossas gravações e de nosso trabalho. Mas, ao lado disso havia também uma visão política em que a imagem da Aliança Nacional Libertadora, com seu programa, com tudo o que a René diz, né, o lado positivo, Álvaro, não o lado negativo, o lado positivo e, ao mesmo tempo, o caráter internacional da política de frente popular. A imagem deu uma entidade irmã e de uma luta irmã na Espanha ou de um governo de frente popular chega ao po.. e chega as alturas da vitória eleitoral e portanto da gestão dos poderes públicos no país, né, dentro de um trânsito absolutamente tranquilo, apoiado por um movimento de massas muito claro, muito vivo, né, e a agressão a esse governo popular, em nome da instauração de regimes autoritários, em certa medida inspirados seja no fascismo italiano, seja no nazismo alemão ou em ambos, né. Essa visão também de uma entidade irmã, de uma luta de um povo fazendo a mesma luta que nosso povo estava convidado por nós, né, a iniciar por outros caminhos, né. Tudo isso também influenciava muito nessa predisposição. E aí está o lado político fundamental. Eu, quando falei do problema da visão mística das figuras, das personalidades, do papel da União Soviética, do partido da União Soviética, dos diregentes da União Soviética, do bolchevismo em si né, a irradiação desse papel no quadro dos partidos e, em particular, do nosso partido, é pra mostrar porque eu anulava em parte substancial a minha capacidade crítica, embora guardasse uma parte dela ainda. Mas essa posição acrítica marcava a minha atividade comunista, de militante comunista durante 20 a 25 anos dos 30 anos em que eu militaria no PCB. E é por isso que eu gostaria de aprofundar essa questão, né. Então... Porque eram dois problemas. Como resolver a questão fundamentalmente, como resolver o problema dessa violenta, agressiva, irreverente mudança tão brusca de alternativas pes

soais, quando elas envolviam outras pessoas, outras famílias? Era um problema sério. Era uma agressão que eu cometia também.

NP - E você tinha a consciência disso?

AC - Não tão clara assim. Porque eu achava muito justa a luta na Espanha. Achava muito justa a ida pra Espanha. Achava muito.. muito alta, compreende, a visão dessa transferência pedida por uma direção na qual eu começava a dar já.. a qual eu começava a dar uma confiança muito grande e no fundo acrítica. Mas eu compreendia que eu tinha contas a prestar a minha família no Mato Grosso. E tinha contas a prestar a minha noiva e à família da minha noiva, no Rio Grande.. E eu levantei com o Malta - Mas eu tenho que ver a velha. - Quanto ao velho não tem problema. O velho... antigo positivista batalhador, cadete de Benjamin Constant, compreende, redator da mensagem da Escola Militar da Praia Vermelha, a Escola Militar do Chile, protestando contra o bombardeio de Valparaiso etc., oferecendo-se os cadetes do Brasil a ir lutar lá contra essa agressão colonialista etc. O velho não tem problema. Eu diria ao velho - Estou continuando as tradições da família - e ele estaria comigo. Mas e a mãe, né? E a velha Sinhana, né, do papai?

ac - Você teve tempo pra ver a Sinhana, não?

AC - Ah claro! Eu pedi ao Malta. Eu pedi pra ir ver a Corina. E o Malta disse - Ó, é justíssimo isso, eu vou falar com o Partido. - Problema é problema. A resposta é tendo em conta a situação clandestina, o cerco da repressão sobre o Partido, né, o cerco que haveria, inclusive, poderia haver, inclusive, em torno da casa da mãe ou, no caso, do papai e em torno da casa da Corina. Mas antes ...

RC - Mas, você estava legal!

DR - Sim. Mas

AC - Absolutamente. Mas o Partido considerava que eu ia pra uma ação ilegal, ia pra uma ação clandestina, no quadro geral. Eu ia viajar pra outras áreas, né. Compreende? Eu também levantei, que não estava convencido.

DR - Sim. Porque isso não era argumento, porque você frequentava a revista, que era um órgão legal, no Rio de Janeiro.

AC - Sim. Mas a questão é que também me diziam - Você agora não vai trabalhar numa revista. Você vai ter que sair incólume, chegar incólume, por exemplo, na Argenti.. num outro lugar, não é, e daí embarcar. Não ia embarcar no

Brasil mesmo. Então, os argumentos não me convenceram, voltei a discutir com o Malta, ele voltou a discutir com a direção, mas a direção disse que não era possível ir ver a velha. - Talvez você possa ver a Corina, porque talvez você vá pelo sul. - Eu falei - Não, mas o problema é talvez, é absolutamente necessário que vá pelo sul. Pelo menos com a família Gomes. É minha noiva, né. Como é isso? Nós vamos romper aí todo um mundo de... de vida comum, né, compreende... Fim do lado 1

FITA 11 - lado 2

RC ... Razão maior...

ac - É. Supera todas as outras.

RC - ... e que supera todas as outras. É na realidade o Apolonio já estava dominado por isso.

ac - Já estava com o mosquito, né.

AC - Mas eu penso que eu levantei esse problema, que ao lado dos elementos positivos que me davam esses 18 meses de prisão no Rio, no quadro de análise da sociedade, visão da sociedade, né, de uma militância, eu tinha recebido a inoculação de um elemento extremamente poderoso e de profunda repercussão na minha formação política, que era essa visão quase mística, né. Que eu, felizmente, por.. tinha conseguido deslocar do quadro do fanatismo religioso, em relação à tal ou qual personalidade, mas que pra mim se ~~transfi~~ configurava na visão do Partido e a visão do Partido se configurava na visão da sua direção. Então... A Renée tem toda a razão. Mas isso aparece, Renée, não em 35, mas aparece em 37.

RC - É. Bom, mas aí, no caso....

AC - Mas isso se argamassa, na detenção, em 36, isso se argamassa na correção, quando eu estou estudando mais a fundo os problemas. Dentro do relativo desse -mais a fundo-, né. Compreende. Aí eu comecei...

DR - Mas Apolonio, vem cá, você não admite que com... quer dizer, a experiência na cadeia foi uma grande ampliação de horizonte, não é? Foi um salto, né.

AC - É. Claro.

DR - Você não admite que... quer dizer, você mudou muito, né, e dessa mudança, essa mudança não terá ocasionado um esvaziamento da paixão pela Corina, da... uma modificação dos ter... sabe, não houve uma modificação também aí?

AC - Eu acho que é um problema a pesquisar... (rindo).

RC - Sim. Mas havia, pelo menos, uma satisfação a dar, né.

AC - Não. Isso não. Não é só isso... Eu sentia, no íntimo...

NP - Sim. Não. O que Daniel está perguntando é em termos afetivos, pessoais.

DR - É importante porque existia... É importante pra segurar...

RC - Porque havia a questão da mãe, do pai, da ~~meia~~ dúvida...

DR - É. Porque é diferente, Renée, quando você sofre por não ter tido tempo de fazer uma comunicação necessária, né, que a ética, que a amizade impõe, e outra coisa é você se separar de uma paixão, não é. São duas coisas muito diferentes. É isso que eu quero localizar. O que que está havendo nesse momento né? Quer dizer, é uma preocupação, quase que um dever impõe, - pôxa, eu arrei um noivado, tenho que me despedir, tenho que dar adeus - ou é um dilaceramento de uma paixão que vai ser rompida? Eu tenho a impressão que é mais a primeira coisa. Ou não?

NP - É.

ac - Quer dizer, se você sofreu realmente ou se você foi lá apenas fazer um comunicado formal?

DR - Ele acabou não indo.

ac - Ah é! Pois é. Acabou não indo.

DR - Você entendeu a minha questão?

AC - Entendi. Não, eu vou falar sobre isso. A Renée quer dizer algo.

RC - Não, não.

AC - Não? Eu penso que não se tratava de um dilaceramento, mas tratava-se de uma ruptura muito dolorosa. Bastante dolorosa. Todo um quadro previsto, né, de desdobramento da minha vida, né. Eu tinha laços de amor com a minha noiva muito sólidos, né. E, naturalmente, o problema não se limitava apenas a um... a uma formação, a uma discussão pra marcar elementos novos que apareciam, fundamentalmente, no plano político. Mas, no fundo, isso me tocava profundamente. A questão era que um poder mais alto se alevantava na minha consciência. Que era a visão da luta política, a continuidade ^{da luta} da Aliança Nacional Libertadora através de uma luta comum, irmã, né, e bandeiras comuns, inimigos comuns e, ao mesmo tempo, as condições um pouco particulares que cercavam os militantes novos ou velhos do PC que tínhamos a formação profissional de militares e que éramos particularmente necessários naquele momento. Porque Franco tinha se levantado com o grosso do Exército, Contingentes insignificantes da

oficialidade tinham ficado com a República. A Marinha tinha ficado toda com a República. Mas do Exército tinham ficado elementos extremamente reduzidos. E, através das milícias populares e dos caminhos e escalas para a formação de um novo Exército, a República que defrontava com problemas imensos de quadros militares. A técnica militar, arte militar, ciência militar. E nós éramos oficiais do Exército, sargentos do Exército, conhecedores, né. deu uma boa parte desse patrimônio, limitado, mas precioso, na constituição de um Exército regular para a República, sem o qual, exército, ela não poderia fazer a política do exército, como aquele organizado que estava sob Franco.

NP - Voltando ao pessoal, Apolonio. Eu estou ali com a pergunta do Daniel, ele acha que você não respondeu. Porque... eu também estou com a sensação né, que você estava muito mais com aquela.. sentido assim, a preocupação de ter um comportamento correto em relação à família.. a uma noiva e à família da noiva, que te apoiava, que eram pessoas... do que realmente uma necessidade afetiva da noiva. Porque inclusive você.. foi um namoro muito rápido, né. Quer dizer, a sua ligação com ela... quer dizer, um namoro, um contato, né, porque você teve em Pelotas, depois foi pra Bagé...

AC - Eu vivia em Bagé.

NP-- Você vivia em Bagé. Quer dizer, Pelotas era relativamente longe, não é. quer dizer, você esteve em Pelotas o quê? Um mês, dois meses?

AC - Dois meses.

NP - Dois meses. Depois esse tempo todo de cadeia, aquela coisa. Quer dizer, no fundo, essa sua relação afetiva já não existia mais, né ?

ac - Já tinha pegado na mão dela já?

AC - Já... (rindo). Apesar da vigilância extrema da família. (ri). Mas vejam vocês. Eu acho que são elementos a estudar. Tanto da minha parte como da parte dela. São elementos que devem ter estado presentes na minha parte e da parte dela. Eu não tinha consciência disso, na época. Não tinha consciência disso.

RC - Você tinha assumido um compromisso, iria até o fim.

AC - Não sei também se era bem isso, Renée. Mas eu não tinha a consciência de que havia... havia se diluído o entusiasmo amoroso, o romance, essas coisas. Eu não tinha a visão disso. Agora ...

DR - Fica extrema importante pelo seguinte. Fica imaginando o filme. Ou o li

vro, que você vai fazer. Quer dizer, é importante que você... Quer dizer, qual é a imagem que a gente passa, não é? Quer dizer, insistindo nessa questão. Porque é um momento crucial da sua vida.

AC - É. É um momento crucial.

ac - De destino

AC - É. Exatamente. Isso. Exatamente isso. Profissional, familiar,...

DR - Quer dizer, então... Como é que a gente te caracteriza, essa relação com a noiva? Quer dizer, não, tenho que ir lá, romper, enfim, fazer uma coisa decente, não é? Não vou escapar e... né, assim aquele... uma carta. Isso pega mal. É isso? Ou é - meu amor, desespero, entendeu, paixão, rompimento de paixão, sabe.

NP - Aquela.. a opção entre o que você considerava a sua obrigação...

ac - (riso)

NP - de... É. Exatamente. (ri)

RC - Aí é o primeiro elemento que o Apolonio...

DR - ^{pode} A gente ~~deve~~ filmar as duas variantes e você escolher uma. (risos)

RC - ... essa mística do Partido, do internacionalismo proletário, isso marcou, durante mais de 30 anos. Isso é que tem muito peso na questão.

AC - É. Eu acho que sim.

DR - Não. Eu acho que isso aí está claro.

RC - Isso é que é fundamental.

DR - Isso aí está claro. Mas agora, o problema é que, por exemplo, eu...

RC - Aí diminua toda essa questão.

DR - ... na minha pequena...

AC - Diminua.

DR - Sim, mas na minha pequena militância partidária, ^{que} também foi envolvida por esses mitos, houve ocasiões...

RC - Bem, mas já estavam se rompendo esses mitos. Vocês estavam rompendo.

DR - Sim. Mas ainda havia um pouco. Como eu dizia, eu conheço casos em que os quadros foram solicitados a se deslocar e se separar e casos em que o cara ^{di} zia e que a gente sentia que o rompimento dele com a companheira dele, com a mulher, com a namorada, era uma coisa perfeitamente tolerável, porque ele estava empolgado com a tarefa, e outros em que aquilo era dilacerador, e que o cara ia também, porque estava envolvido pelo mito, não é, o Partido, esse ne

gócio, mas que ele sofria desesperadamente. Porque havia uma reação forte, afetiva. Então, quer dizer, havia as duas coisas, quer dizer, pode ter havido, no caso dele, uma ou outra coisa. Isso é que eu queria esclarecer.

AC - Você sabe, é difícil eu dizer até onde foi e como amadureceu e como conseguiu conviver com as novas condições a angústia desse rompimento. Mas quando... um rompimento muito duro. Eu o camuflei perfeitamente. Como camuflei de maneira muito articulada, muito sabida, compreende, o problema da ausência da minha família, para mamãe, para minhas irmãs e tudo o mais e tal. Eu penso que eu pude dar um sentido não convincente, mas um sentido coerente com a batalha política que nós tínhamos na Aliança Nacional Libertadora, as necessidades de combatentes militares na Espanha, a identidade da luta e da organização, a fraternidade das... dos povos e das bandeiras. Eu acho que esses elementos me facilitavam muito pra apresentar e eu os sentia profundamente. Agora, eu procurei também esconder nas... Porque eu não veria a Corina.

NP - Você acabou não vendo?

AC - Não. Não veria.

NP - Como é que isso foi resolvido então?

AC - Eu vou explicar pra vocês agora. Então, eu procurei esconder nas cartas que eu enviei esse lado da angústia. E ganhar a Corina, a família, amiga, carinhosa, solidária, para a visão de uma luta comum contra um inimigo comum. Naquela época era, a ameaça do fascismo no Brasil. era a presença da influência fascistas franquistas na Espanha.

ac - Agora, havia também... Alguém lhe disse pra não casar? Os amigos, do Partido. Havia alguma incompatibilidade?

AC - Não. Absolutamente.

ac - Faço essa pergunta pelo seguinte, quer dizer, na minha militância, muito fui criticado: (~~rejeitado~~) por ter filhos. E até por continuar a ter, porque achavam um absurdo que eu, numa prática militante organizada, tivesse filhos, quer dizer, estivesse colocando em risco... Quer dizer, essa coisa também... Essa coisa de você casar aí não era colocada em choque com a sumir essa praticância.

AC - Não.

RC - Acho que nem chegava a se colocar a questão. O dogmatismo era tão forte que nem chegava a se colocar.

AC - É. É.

DR - Agora, Apolonio, me esclarece um lance aqui. O Partido, ele coloca a ida pra Espanha como uma tarefa...? Como é que é exatamente? Ou como uma hipótese de trabalho?

AC - Não. O velho Malta era muito carinhoso comigo, compreende?

ac - Mas foi no mesmo encontro no qual você se filiou também, não foi?

AC - Ou talvez me tenha filiado num encontro anterior. Esse é o problema. Mas todo mundo sabia que no primeiro dia de liberdade eu me filiaria. A partir de metade de.. do início de 37, todo mundo sabia que só não me filiava porque havia critérios de não recrutamento. Mas o problema fundamental era esse. É que o velho Malta conhecia muito bem as coisas, compreendia muito bem as coisas. Ele sabia o que estava me propondo. Mas era uma proposta, uma sugestão do Partido. O Partido não disse - É preciso você fazer isso, como militante. - O Partido disse - Seria muito bom, ^{como militante,} em vez de trabalhar com o Sisson numa revista nacionalista, essa coisa. Trabalhar...

DR - Passou pela tua cabeça que seria um desgaste, em relação ao Partido, você negar essa tarefa?

AC - Não. Nesse momento não houve nada disso. Eu disse a vocês que tinha sido automática a minha resposta. Já disse a vocês isso. Não houve esse problema. Agora, eu pensava em falar com a Corina e conversar com toda a família. As irmãs, os irmãos, os velhos. Eu pensava que eu passaria pelo sul, porque a grande massa dos companheiros, que iriam à Espanha, passariam pelo sul. Como já tinham passado pelo sul as figuras que tinham ido antes. Como Alberto Bomilcar Besouchet e outros, né. Então eu estava certo que ia. Mas aí é que entra o problema também, uma outra constatação que eu deveria ter feito da maneira mais amadurecida na época. É que a esquerda tem uma tradição também de muita fizeza diante dos problemas afetivos e familiares. Eu sentiria depois. Eu, já no quadro dessa relação amorosa e familiar, com centro na René quanto isso se repetiria. Inclusive com consequências muitíssimo duras para ela, né, e em certos casos também muito duras para os garotos, né, nosso 2 garotos. Mas nesse momento havia a primeira revelação. O Partido foi muito frio. Já que eu não posso ir ver a velha lá em Mato Grosso, eu vou ver a Corina pelo menos. Mas... o Partido decidiu que eu não iria pelo sul. Decidiu que eu iria pela Bahia. E quando eu protestara, disse - São problemas momen

tâneos de segurança. -

ac - Essa foi uma armadilha lindíssima do Partido, da segurança.

AC - É. (rindo). Então, eu lavei o meu protesto, várias vezes, com o velho Malta. Tanto que pra mim o problema não era um problema superficial, eu sentia profundamente. Não era um problema formal de evitar algo que ficaria mal, não era isso não. Verdadeiramente era uma despedida dura, dolorosa, angustiante. Mas eu queria, concretamente, explicar as coisas, rever a Corina, rever os pais, os irmãos. Era, eu dizia a vocês, uma família de abelhas assalariadas e tudo o mais, todo mundo trabalhava. E muito ligadas comigo todos os filhos, né.

RC - Até parece que você sentiu mais porque não se despediu da família do que da própria Corina.

ac.- Apolonio, pensando também aí no visual, que o Daniel aventou, que é importante. Esse encontro com o Malta foi como? Você se lembra?

AC - Na rua.

ac - Foi na rua, em pé?

AC - Em pé.

ac - Não foi nem num botequim, numa casa...

AC - Não. Não. Na rua, andando. Botequim era um elemento, que me diziam os companheiros experimentados, é pouco perigoso. (ri).

DR - Um detalhe. Na época houve alguém que tivesse negado uma proposta? O Partido ofereceu essa proposta a vários dos seus militantes, não é? Houve alguém que se recusou? Ou todos que receberam a proposta foram? Você sabe?

AC - Daniel, eu era um militante novo. Aí entra o verde, que a Renée...

DR - Sim. Mas depois...

RC - Eu vou tentar te responder. Eu não sei se alguém recusou, mas eu sei que os companheiros que já eram casados antes de 35, antes de serem presos, passaram esse tempo na prisão, saíram da prisão, já tinham mulher, filhos, e foram do mesmo jeito, com a mesma disciplina, sabe.

AC - Exatamente.

RC - E pra mim isso é que é importante.

AC - É. É o ambiente geral, compreende? Esse fanatismo religioso, essa ausência de sentido crítico em relação à certas medidas, essa incapacidade de... pode ser transitória e pode ser longa, né, na sua duração, de colocar o pensamen

to a vidas alternativas, que florescem no coração dos militantes, em consonância com a vida do Partido, a militância, o interesse da luta geral que o Partido procura coordenar. Enfim, essa diluição da personalidade. Eu acho que há uma diluição da personalidade nesta questão. Então, no meu caso, ela foi muito definida e me marcou durante dezenas de anos, durante uns 20 a 25 anos marcaria muito.

RC - É talon, ainda é uma disciplina militar, aceita, e que se diluem as vontades pessoais, não existem mais.

AC - É. Eu acho, René, que o problema da origem militar minha não pesaria tanto.

RC - Bom. Você foi militar dentro do Partido.

AC - É claro. Porque eu fui um militar muito original na minha maneira de conduzir-me. Já contei a vocês, não é. E seria toda a minha vida. Mesmo na Espanha, na França etc. Na França eu já tinha todo esse mundo novo, compreendido? Esse colorido novo de sugestões, de iniciativas, de visão das coisas, que a René trazia para a minha vida e para a minha consciência, né. Mas na Espanha também. E no Brasil também. Agora, o grande problema é o seguinte, é que em vez de se mandado para o sul eu fui mandado para a Bahia. A princípio havia inclusive...

DR - Apolonio, antes de ir pra Bahia, vou insistir aqui na pergunta que o Alvaro fez, esses encontros com o Malta, foram vários?

AC - Não foram dois ou três encontros,

DR - Dois ou três. Sempre assim, andando na rua?

AC - Claro.

DR - Nunca houve condições de você sentar e discutir... uma casa... Eu estou pensando na reprodução dos...

AC - Mas Daniel, eu acho que...

DR - ... pontos, né.

AC - ... numa casa... Pontos. Pontos. Mais ou menos limitados na sua duração dentro deles encontros. E situado na época também.

DR - É. É preciso ter em vista que o Partido estava reduzidíssimo, né.

AC - Era... Em 37, o Partido estava nas vésperas da decretação aberta do Estado Novo. E nós já tínhamos um Estado profundamente autoritário, um governo profundamente autoritário, desde o período de 31, de 30, mas amenizado pela

presença da influência tenentista, da luta de classes, dos trabalhadores da cidade e do campo, e dos contingentes liberais que estavam presentes ali, na vida política do país. E tudo isso se reflete em certos elementos novos que aparecem na constituinte e na carta constitucional de 34. Mas também, como reação a esses elementos novos, nós vamos ter, em 35, a lei de segurança nacional. Vem a Aliança Nacional Libertadora, no quadro geral, universal da política das frentes populares, e vem todo um conjunto de elementos de contenção. A Aliança Nacional Libertadora é colocada fora da lei. Soria interessante discutir, numa outra oportunidade, as razões que poderiam ter facilitado junto à opinião pública essas medidas de caráter profundamente anti-democrático, anti-popular. Mas há todo o conjunto de busca violenta e ao mesmo tempo sofisticada de caminhos pra chegar aos comunistas militantes. Em 39, a direção do Partido está desfacelada. Mas é todo um processo de eliminação. Se em 36, eu dizia a vocês, se em agosto de 36 há uma fase nova, abre-se uma fase nova de visão do caminho do processo de aproximação a um governo democrático, nacional, anti-latifundiário, no Brasil, através de.. da visão das contradições internas dos partidos das classes dominantes, da campanha eleitoral, das novas candidaturas de Zé Américo de Almeida, de Armando Sales etc., e se há uma posição muito clara do Partido sobre caminhos não armados de desdobramento da luta política, há, ao mesmo tempo, a preparação do golpe de 37, do outro lado e o recrudescimento permanente e crescente das medidas de cerco ao que resta do Partido Comunista. De maneira que essas medidas são compreensíveis na época.

NP - E você só encontrava com o Malta. Você não tinha reunião com outros?

AC - E por que iria conhecer outras figuras do Partido? O problema de segurança também era um problema muito sério.

ac - O Malta era como (131)

NP - O Malta era outro.

AC - Não. Eu creio que não. Absolutamente. Mas Malta era um comunista que tinha mais facilidade de ser encontrado comigo. Já havia trabalhado na imprensa, legalmente, e tudo o mais, meu companheiro na Casa de Detenção e uma gama de afetividade, uma massa de afeição, de identidade em muitas coisas, que nós tínhamos descobertos entre nós. Também tinha outros companheiros no quadro da prisão. Eu me enriqueci muitíssimo o meu horizonte afetivo e ao mesmo

tempo que enriqueci a minha visão das coisas na sociedade. da luta etc. Eu tornava maiúsculo o pequeno PC de letras minúsculas do meu tempo de Escola Militar, partido do contra, né. E ele ajudava muito nesse quadro. Então, eu vou para a Bahia e vou para a Bahia legalmente para estabelecer as bases financeiras da minha viagem.

ac - Nós estamos todos querendo reter você ainda mais um pouco no Rio...

AC - (ri) No Brasil.

ac - É.

NP - Não. No Rio

ac - No Rio ainda. Antes de ir pra Bahia, antes de iniciar essa viagem. É o seguinte, quer dizer, todo esse comportamento teu já na cadeia, saindo, é muito marcado pela seriedade, pela responsabilidade. É uma coisa de assumir tarefas, entrar no Partido. Não houve nenhuma farra? Quer dizer, vocês saíram pra comemorar? Não houve nenhuma meninas aí na rua?

AC - Não. Quanta farra! Quanta coisa. Isso é claro que eu... Agora, eu nas farras, farras mesmo, viu, farras de quem está pensando, como é que eu vou ver Corina, né? Sabe. Não havia nenhuma ligação sentimental, assim, nas farras havia muitas, muitas farras. Inclusive a prisão do Cícero, que eu contei a vocês, foi no decorrer de uma farra, compreende? Então, o problema é que depois da farra a gente saiu rindo, brincando e tudo o mais e a polícia estranhou um barbudo como o Cícero Neiva naquela alegria juvenil. Destoava, as sim, naquela época. Mas então, a mim, me mandam para a Bahia.

NP - Quanto tempo depois de sair da prisão, essa ida pra Bahia?

AC - Uns 10 dias.

NP - 10 dias?

AC - É. Uns 10 dias. Uns 10 dias.

NP - E eles te dão dinheiro ou...

AC - Não. Eu vou clandestinamente. Eu vou no beliche de um marinheiro, num navio do Loyd ou da Costeira.

ac - Já com nome, carteira de identidade falsa?

AC - Sem carteira. Falsa não. Sem carteira nenhuma. Não tinha nenhuma carteira. São 10 dias.

RC - Clandestino.

AC - Clandestino. É um companheiro, que é marinheiro e tudo o mais, vai comi-

go. Ele me diz - Olha, tem um cara aí - isso já em alto-mar - tem um cara...

DR - Mas como você fin... ficou como clandestino no navio?

AC - Invisível.

RC - Você entrou como?

DR - No navio, como clandestino no navio?

AC - No navio.

ac - Você pagou passagem?

AC - Não! Absolutamente!

DR - É um navio de carga?

AC - Não somente não paguei passagem, mas eu era invisível no navio. Eu estava no beliche do companheiro.

ac - Eles designaram um militante pra ir com você.?

AC - Não! Bom... A mim me designaram a um dos marinheiros militantes do Partido pra que ele me levasse.

NP - Leva esse cara pra Bahia.

AC - E ele me pôs no beliche, disse - Fica tranquilo. Quer dizer, não sai, porque há uns caras aí que a gente não tem confiança. - No dia seguinte ele me disse assim - Há um cara aí, em frente aí, ele deve ter visto, passando por aí, que havia qualquer coisa aqui no meu quarto, meu beliche e tal, mas não tem problema não porque ele sabe que se diz qualquer coisa ele não chega na Bahia.-(ri) Era um pouco a lei, né, do barco, devia ser a lei do barco.

DR - Barco de carga.?

AC - Não Barco de passageiros. Então, vou tranquilamente, clandestino etc. Antes disso tinha havido a possibilidade de sair do Rio e chegar a Europa, chegar ao Havre, ao porto de Le Havre. Então, tinha a possibilidade de chegar a Europa num navio de grande calado, europeu. E havia um grande navio holandês, que a um momento dado podia ser o nosso instrumento de viagem. E uma noite lá eu recebi a indicação de estar no cais a tal hora, com uma mochilazinha etc. e tal, pra minha viagem. Muito bem. Eu estava lá. Estava comigo o Vavá, um dos companheiros da prisão também, oficial da Aeronáutica, mas houve uma contra-ordem e a coisa passou. Então, o problema se definiu quanto a opção pela Bahia. E eu chegando na Bahia, é um companheiro do Partido que me recebe. Até hoje não sei o nome legal. Era o Pézin,^{do} cognome.

DR - São quantos dias de viagem, naquela época?

AC - Acho que 3 dias. Então... Eu não te asseguro matematicamente, mais ou menos duração de 3 dias. E o Pézinho me recebe, eu vou para a casa de umas pessoas amigas, mas algumas horas apenas, então eu vou pra um hotel. E vou trabalhar já com mais dois companheiros na visita a certas personalidades amigas do Partido etc. pra conseguir um conto e tanto - era a moeda da época - para pagar a minha viagem para a França. E eu passo semanas em Salvador fazendo essas visitas.

ac - Semanas?

AC - Um^s semanas, em Salvador, fazendo essas visitas, faço essas visitas, consigo esse dinheiro, compro a minha passagem e sigo. Mas eu preciso de documentos. Eu não tenho documento nenhum. Eu não tinha ^{meus} próprios documentos. E aí eu vou ter meus próprios documentos, é claro. Tenho meu passaporte com meu nome, sou legal. E aí entra um elemento importante, típico já da nova visão do Partido. A visão dos dois lados da sociedade. Não somente os dois lados de classes, classe contra classe, mas o outro lado, no interior das classes dominantes, isto é, as contradições internas das classes dominantes. Nesse momento, junho, julho, nós estamos vivendo no Brasil um processo de preparação de um golpe de Estado, teria a continuidade do governo Getúlio etc. E há contradições muito sérias no interior das classes dominantes. Há contradições do sul, figura de Flores da Cunha e outros e há condições no nordeste e há condições no leste, na Bahia. E... capitão Juraci Magalhães, governador da Bahia. É o elemento que se opõe aos planos autoritários e continuistas do governo. Faz parte de um conjunto de forças que nesse momento se preparam para lançar a candidatura de José Américo e outras iniciativas. E há, naturalmente, condições bastante interessantes para o Partido de atuar dentro desse quadro. Ter uma semi-ilegalidade. Eu não seria capaz de repetir a vocês o nome do jornal do Partido, porque tinha um jornal legal, nesse momento. Um vespertino.

ac - Lá na Bahia?

AC - Na Bahia. Em Salvador. E eu tenho minha vida inteiramente legal no hotel. E aí estou saindo a tarde, a noite, para visitar estas e aquelas personalidades, esses e aqueles grupos de amigos etc.

DR - Você tira o passaporte lá mesmo em Salvador?

AC - Não só tirei o passaporte, mas eu recebo o meu passaporte com todas as

AC - É. Ungido, viu, na salvação da República espanhola. (ri). Esse era o elemento fundamental.

RC - Essa pressa, esse entusiasmo...

AC - Ah, o entusiasmo, a pressa, a capacidade de sobrepôr tudo o mais e tal. É porque a república necessitava imediatamente, porque é irmã da Aliança Nacional Libertadora. É a continuidade da nossa luta. É o compromisso com o nosso povo, ao lado do compromisso de um povo irmão, com determinadas bandeiras que eram também as nossas. Então, eu acho que mais do que um figura importante, eu acho que eu era uma figura muito importante, apesar de eu não ter capacidade nem coragem de pensar alto nisso, como estou fazendo agora. Mas como elemento desse exército novo. Tanto que em Paris, eu contarei depois a vocês, em Paris, o pessoal queria que eu ficasse mais uma semana, eu participei de umas três noitadas de farra e quando de manhã cedo estou lá, quarta-feira de manhã estou lá, não tem mais. Vou me embora. E fui me embora. Porque tinha pressa de chegar lá, como a Renée está lembrando. Bom. Então, tomo o lugar na terceira classe no Bagé, um dos navios que a Alemanha tinha dado ao Brasil como parte das reparações no quadro da primeira guerra mundial, e lá vou eu para o Havre, tranquilamente. Naturalmente eu trago no meio da minha bagagem alguns livros da artilharia, pra recordar um pouco, e vou pra guerra.

DR - Você se lembra de alguém mais que deu contribuição, além do Major Facó?

AC - Ah não. De maneira nenhuma.

ac - Mas você embarcou sozinho?

AC - Absolutamente só.

RC - Nenhum outro...

ac - Não teve nenhum...

AC - Eu não tive, no Brasil, nenhum contato com outro candidato às brigadas.

DR - Não. No dia em que vocês foram pegar o navio holandês.

AC - Não. Eu vou fazer exceção. Mas toda regra tem exceção, Daniel. A única exceção era o Vavá, que estava comigo para a viagem no grande navio holandês. Mas a coisa é absolutamente... Vocês têm que compreender também a época e o caráter estanque de cada atividade. Sobretudo uma atividade como esta, que estava ligada à presença do Brasil no quadro do movimento internacional de solidariedade a república espanhola, ao povo espanhol.

ac - Você, em Salvador, conhece alguma pessoa, alguma... Jorge Amado, sei lá. Alguma pessoa desse tipo que tivesse interação com ela?

AC - Na época, ninguém.

RC - Não conheceu o Arruda?

AC - Não. Na época ninguém. Lá eu conheci, no quadro do Partido, um moço chamado Diógenes Arruda Câmara. Era muito jovem, naquele tempo. O nosso querido Arruda, que morreria depois aqui, em 79, de maneira tão violenta e inesperada. Era um jovem. Estava até doente, nesse momento. Eu tinha contato com ele. Tinha contato com um estudante da família Jatobá. Não sou capaz de dizer o prenome nem se essa personalidade hoje tem tal ou qual papel na vida política da Bahia ou do país. Mas era muito amigo do Arruda, era ligado ao PC, nesse momento, e às vezes nos encontrávamos juntos para beber um pouco, fazer uma farra etc. Mas, fora desse quadro, não me lembro de mais ninguém. Eu devo ter conhecido outras pessoas que acudiriam por cognomes, né. Eu contei a vocês que quando eu cheguei, ^{houve} um militante, que era conhecido como Pézinho. O Pézinho veio dizer - Apolonio, eu já te conheço mais ou menos pelo jeitão. Venha comigo que nós vamos ver uns amigos. - E eu fiquei conhecendo as normas da vida clandestina. Pra mim isso era inteiramente novo e um pouco fantasista de um lado, mas ao mesmo tempo encantador de um outro. E eu tinha 25 anos, né.

NP - Ele estava no porto te esperando, o Pézinho?

AC - Claro. Sabia o navio em que eu ia, sabia tudo, viu.

NP - Uma última pergunta do Rio de Janeiro ainda. A essa altura você passou 10 dias no Rio, entre a saída da prisão e o embarque pra Bahia, quer dizer, você resolveu o problema de despedida da família^e da Corina por carta, mas você não teve a reação deles.

AC - É muito boa a pergunta, porque aí é preciso colocar bem alto duas coisas. A reação da família em Mato Grosso. A reação da nova família, que seria a minha família, a família Gomes, e a reação da minha noiva, muito querida, naquela época, Corina. Eu não tive resposta nem de um nem de outro, desses pontos de afetividade. Eu, pra casa, tinha muita preocupação com a mamãe. Porque afinal de contas, o caçula, todo um conjunto de sonhos e planos, projetos com a minha carreira. Eu tinha sido um estudante bastante marcado por sua vivacidade, por suas iniciativas, seus pendores para o jornalismo, para novelas etc, na Escola Militar. E tinha sido um jovem tenente de artilharia bastante capaz

dentro da minha especialidade. Dividido, naturalmente, o trabalho técnico profissional com o trabalho também social, no quadro geral dos quartéis etc. Agora, de um momento para o outro, eu rompia com tudo isso. Mas rompia, inclusive, por uma opção ^{em} que a minha vida também estaria em perigo. É um problema muito sério pra família. Eu tinha portanto que ter um cuidado muito especial pelas minhas irmãs e pela mamãe. Meu irmão e meu pai, eu sabia que compreenderiam. Sentiriam certas dúvidas... meu irmão, futuramente, teria dú vidas. Papai não! Papai veria com muito orgulho. - O menino está continuando as tradições da família. - (ri) A primeira grande base da sua alegria de viver e lutar na mocidade e nos seus tempos da Escola Militar etc. Agora, a mamãe e o resto dos irmãos, o irmão e as irmãs, representavam pra mim um cuidado particular. Mas eu escrevi pedindo ao papai que tivesse um cuidado muito grande com a mamãe e com as irmãs. A carta foi para o papai, em particular. Escrevi para pessoas amigas, ao lado, para darem só ao papai, inicialmente. E para que ele cuidasse do problema etc. É claro que a minha mãe e as minhas irmãs nunca aceitaram essa decisão de ~~maluco~~ (de maluco). Nunca aceitaram. Minhas irmãs contariam depois que às vezes elas estavam conversando, falando sobre as minhas perspectivas profissionais, literárias, jornalísticas e tal e - o pessoal sempre amplia muito os pequenos elementos de vocação - mas, discutindo sobre os problemas e tal, né, mas... são loucuras de moço, eu não entendo. Ninguém compreendia. E o meu pai contestava. - Vocês são difíceis. Tardam muito a compreender as coisas. O menino não tem nada de maluco, o menino está continuando as tradições da família. - Esse era o slogan de meu pai, né. Com isso ele aliviou certas coisas sem modificar a essência dessas coisas. Já no quadro da Corina o problema era muito mais grave, porque era todo o nosso sonho de moços. E mais ainda porque eu pedi a Corina não apenas para compreender que nós não podíamos nos casar logo, mas eu pedia pra ela compreender que eu não voltaria. Eu não tinha o direito de pedir a ela.

ac - Que te esperasse.

AC - Que me esperasse. Eu não sabia como voltaria, não sabia se voltaria. Ela tinha 18 anos. Eu não tinha esse direito, de maneira nenhuma. Seria sacrificar a sua juventude. E eu não só pedia que ela não me esperasse como dizia, eu não vou escrever para você porque se você tivesse a idéia, por um certo tempo, de me esperar estaria... eu não dizia imolando a sua juventude, mas esta

taria, verdadeiramente, né. Imobilizando a sua alegria de viver, de sentir as coisas, estaria desprezando os seus 18 anos, seus 19 anos.

ac - Mas você escreveu isso com muito verso, com muita declaração de amor?

RC - Com aquela generosidade assim.

AC - É. Não, um pouco de cada, um pouco de poesia. Muito amor. Muita poesia nessas coisas. Mas, por isso eu não vou escrever a você. Você vai...

ac - Como? Você não escreveu?

DR - Não. Disse não escreveu mais.

NP - Não ia escrever da Espanha.

AC - Nunca. Não vou escrever pra você. E fui mais longe ainda. Disse - E eu quero que você também... nós ficamos juntos, porque eu quero que você lute mais, você participe mais politicamente. Eu sei que você vai participar porque o inimigo que desfaz a nossa relação amorosa. Não é outra mulher, não é outro homem. É o fascismo lá, o fascismo aqui. É preciso que você...

ac - Nesses termos? Mandou assim? (risos)

DR - Politizou-se. Politizando pra caramba, né!

AC - (ri)

NP - A culpa é dos trâmites...

AC - É. Esse é que é o problema. Esse é que é... Então...

ac - Você disse pra uma mulher, você tema o fascismo e não ou outra mulher.

AC - (ri). Combata. Combata. Então, eu fui mais longe, eu pedi para a Corina. Vocês vêem, como é bonita a... ao mesmo tempo a sensibilidade, a consciência, a capacidade de reagir da mulher. Porque Corina foi de uma generosidade comigo infinita. Uma capa...

ac - Ela te deu alguma resposta dessa carta? Não, né.

AC - Não. Eu já tinha dito que não. Nunca recebi carta.

ac - Agora uma outra coisa. Ela tinha sinais de... era uma pessoa politizada?

AC - Eu contei aqui, você não estava. Eu contei que ela tinha participado na Aliança e tudo o mais. Mas ela foi de uma generosidade extraordinária para comigo. Uma solidariedade. Apesar de muito jovem. Uma visão muito aberta. E isto deve estar ligado também, como vocês levantaram, à hipótese de uma profundidade menor dos sentimentos da minha parte, uma profundidade menor dos sentimentos dela para comigo, dado o curto prazo de nossa convivência. Eu fugia todos os sábados de Bagé, no noturno de sexta a noite e voltava no noturno de

domingo, pra continuar o trabalho no quartel, né. Mas, era muito pouco. Agora, ela foi de uma capacidade de doação de si mesma muito grande. Muito, muito grande. Porque eu pedia que ela compreendesse esse problema todo. Eu não diria que a sua reação tenha sido esta ou aquela. Ela nunca me escrevia e não podia me escrever, eu fui me embora. Mas eu pedia que ela, dentro desse quadro, ao mesmo tempo que no quadro político ela participasse mais, tudo o mais pra nós nos sentirmos ligados, apesar da distância e apesar daquela ruptura, do projeto matrimonial, eu pedia que ela me ajudasse também junto a outra família dela, que era a minha família. Que já a conhecia, que já queria muito bem a ela. Já conhecia de nome, né, essas coisas. E que eu tinha muitas preocupações com a dona Sinhana, com o pessoal de casa. E eu pedia que na minha ausência, pelo menos durante os primeiros meses, de 2 em 2 meses assim, ela escrevesse pra casa. E que ela dissesse que tinha cartas minhas da Espanha e que eu estava bem e animado.

ac - Você ainda deu uma tarefa pra ela! (risos)

RC - Pois é. Ele rompia sem romper rompendo, né. Embora rompendo.

AC - Eu não diria que eu dei uma tarefa. Eu fiz um pedido a ela. (ri). E ela foi muito generosa.

ac - E ela fez isso?

AC - Fez isso várias vezes. Em casa chegaram muitas cartas. Uma das minhas sobrinhas mais queridas, a Dirce, tem inclusive fotografias dela, mandadas por ela.

DR - Ela vive ainda?

AC - Vive. Deve estar.. seguramente está casada, com filhos. Não vi mais. Não vi mais. Mas eu guardei uma lembrança extremamente bonita, rica, cheia dessa riqueza de afetividade e ao mesmo tempo de capacidade de superar surpresas, choques, inclusive agressões, porque a minha saída era uma saída agressiva, E procurar compreender e superar, mesmo que ela não estivesse de acordo, não fosse capaz de perdoar uma coisa dessas. Esse é um problema também discutível, né, em função da profundidade dos sentimentos que ela tivesse nesse momento para comigo. De maneira que esse quadro da Corina e da família é um quadro muito bonito, nesse momento, e muito encorajador para mim. Eu sabia que eles fariam isso. Eu sabia muito bem que a família toda estava comigo também, no quadro geral, embora não estivesse comigo nessa visão da necessi-

dade da ruptura. Mas ajudaria a compreender as coisas porque eu acho que um elemento importante aí era o quadro de confiança que se estabeleceu. A visão de identidade quanto a profundidade dos laços de amor, de amizade e de lealdade entre nós. Eu penso que isso deve ter ajudado também muito, dentro da imagem que fizeram de mim e da imagem que eu fazia da família em seu conjunto e da Corina em particular. E no Bagé eu parti pra Espanha. Cheguei ao Havre. Do Havre partir pra Paris. E em Paris encontrei algumas figuras. Encontrei um oficial do exército...

DR - Você levava endereços lá da...

AC - Já tinha endereços. Fui a esses endereços e...

ac - No Havre foi só uma parada no porto?

AC - Uma somente. O grande porto. Lá peguei um trem e fui para Paris.

RC - Mas a viagem foi sem...

DR - Nada de relevante?

ac - Bahia-Havre. Como é que foi a primeira viagem?

AC - Você sabe, Bagé é um... Infelizmente no período da guerra...

DR - Coincidência o barco ser Bagé, né.

AC - É. Ser ligado à primeira guerra mundial. Eu veria ali a segunda guerra mundial, né. Mas também havia uma outra coincidência. E num outro momento eu falaria com vocês. No Bagé eu tive a idéia da passagem, alguns meses antes, de alguém que como preso político tinha sido embarcado no navio com destino a Europa, no tempo em que o Bagé ia até Hamburgo, e esse alguém deveria ser entregue a Hitler para ser justificado, assassinado pelos nazistas. Então, eu me dava muito bem com os marinheiros, como me dava com os meus soldados. Eu tenho uma nora que é especializada em Psicologia, costuma dizer que o meu problema não é.. quando consulto as pessoas, não é um problema de informação, é um problema de comunicação. Então eu tive comunicação imediata com os marinheiros, conversava muito com eles. E os marinheiros me contavam um pouco da história do navio, um pouco das coisas dos portos por que podíamos passar. E uma das coisas bonitas que eles me contaram foi uma invasão que o Bagé tinha sofrido pelos portuários do Havre alguns anos antes. Porque um companheiro, do lutas, cujo nome eles não sabiam qual era, que eu sei que se chamava Ernest Iosk, alemão, jovem secretário do presidente Herbert, da República Socialista da Baviera, em 1919, ferido numa das campanhas políticas do presi-

dente Herbert, depois emigrado para o Brasil, vivendo em São Paulo, ativo participante da corrente do Socorro Vermelho, no Brasil, preso e como judeu e como alemão enviado para a Alemanha para ser eliminado.

NP - Em que ano?

AC - Para a Alemanha.

NP - Sei. Mas em que ano?

AC - 37.

RC - Foram vários.

NP - Pouco antes da tua viagem então. Na viagem anterior.

AC - Alguns meses antes. Os marinheiros me contavam o que tinha se passado. Em maio tinha sido Olga Benário. Em 36 tinha sido Olga Benário.

ac - Foi por esse roteiro também?

DR - Não tocou em nenhum porto, pra evitar isso.

AC - Não sei. O Brasil, como diz Renée, deportou várias pessoas assim. Agora, Iosk não chegaria a Alemanha. Porque em chegando o navio, em parando o navio no porto do Havre, ele, que estava num compartimento muito estreito, mas que tinha uma pequena janela ~~para~~ de escotilha para a entrada de ar, constatou que essa janela dava para o cais. E sentiu que havia portuários em movimento ^{no} cais. A um momento dado havia 2 portuários mais ou menos a altura da sua escotilha. Ele via apenas as pernas, em baixo. Então ele escreveu um bilhetezinho. - Sou um prisioneiro político, fui preso no Brasil, estou sendo enviado à Alemanha pra ser eliminado. - Amassou nos dentes, etc., jogou o papelzinho, conseguiu bater na perna de um dos portuários próximos, mas ninguém se deu conta. Repetiu a operação mais 3 vezes. Na quarta operação ele conseguiu verdadeiramente que alguém sentisse que alguma coisa tinha lhe batido, sentiu que duas mãos se baixavam e que pogavam a coisa, sentiu que as 4 pernas se deslocavam imediatamente e passou a ver depois uma multidão de pernas se deslocando pelo cais. E, a partir de um momento, a ocupação do navio. A libertação do Iosk, a prisão do comandante no seu camarote, o isolamento dos marinheiros. A libertação do Iosk, que iria pra Espanha. Mais tarde, já nos campos de concentração da França, depois de... da evacuação da Catalunha, em 39, Iosk estaria conosco no campo de concentração. Era uma das figuras mais queridas e fomos muito amigos. E Iosk me contava os detalhes e outras peripécias nesse quadro. Então a viagem teve, sobretudo, esses elementos. Elemento muito

valioso, muito rico, nesse quadro geral. A solidariedade internacional e a ação coletiva dos portuários.

ac - Você, dessa vez, viajou sozinho, né?

AC - Eu sempre fui sozinho. Até aí eu fiz tudo sozinho.

ac - Certo. Agora, a sua posição, você abriu pra alguma pessoa? Não, né.

AC - Ah, não! Eu estava absolutamente identificado com as prescrições recebidas.

RC - Você era um passageiro como outro qualquer, né.

AC - Como outro qualquer. Legal etc. Vou pra Europa. Havia um irmão da Encicla que viajava na terceira classe.

ac - Você estava na terceira?

AC - Claro! Como é que eu ia pagar o bilhete. (risos). Estava na terceira. Então, havia um irmão da Encicla que viajava. Não sei dizer o nome, mas era tão jovem quanto eu. E fez muito boas relações comigo, porque na terceira classe havia muitos alemães que viajavam, muitas famílias alemãs e muitas famílias portuguesas, mas brasileiros, praticamente, éramos ele e eu. Então, nós conversávamos e tudo o mais e tal. Eu tomava um cuidado infinito pra poder de vez em quando ler, reler os meus compêndios de artilharia. Eu estava muito identificado com a minha missão militar. (ri). E que ninguém sentisse isso. Eu sentia que ele era um pouco curioso em torno das minhas leituras, mas eu conseguia ter a convicção, como um neófito num trabalho clandestino, naturalmente verde, né, de que eu guardava segredo das coisas. Já em Paris ele se encontrou comigo. Onde? Em (Matureil Morot,) o grande subúrbio de Paris onde havia o grande centro da solidariedade a Espanha republicana. Lá onde verdadeiramente se coletava dinheiro, tudo o que pudesse ser enviado pra Espanha e, ao mesmo tempo, onde, paralelamente, se fazia a apresentação dos elementos que deviam entrar na Espanha para lutar. E a um momento dado eu me encontro com esse jovem...

RC - Que também ia?

AC - Que também se apresenta lá, me pede pra apresentá-lo lá. Eu apresento apenas como alguém que eu conheci em viagem. É tudo o que eu digo, mas nada. E o pessoal aceita ou finge aceitar a presença dele. Isso eu não sei dizer a vocês, qual era o espírito das pessoas. Porque a mim também não me disseram.

RC - Você ia com uma apresentação qualquer?

AC - Ah, claro! Eu ia com apresentação do Partido etc. A minha vida atual é toda...

ac - Conta um pouco da tua chegada em Paris.

AC - Eu cheguei em Paris, vou me apresentar lá, mas tem também... Tem duas apresentações. Para o Matureil Morot, quer dizer, o centro de solidariedade.

RC - Não foi ver a Torre Eiffel lá antes de voltar, não?

AC - Depois, René, depois. Pra mim, antes de tudo, era o problema da missão militar.

ac - Você é recebido por uma pessoa do Partido, em Paris?

AC - Não sou recebido não. Eu chego a Paris. Chego a Paris.

ac - E quem procurar então?

AC - Eu tenho duas pessoas a quem devo procurar.

NP - Brasileiros ou francêses?

AC - Uma pessoa é brasileira, outra é a organização de solidariedade à Espanha. A pessoa que eu procurara era um antigo oficial do Exército brasileiro, jovem ainda, chamado Bicudo. Eu poderia em outro momento dar o nome pra vocês. Vou procurar. Não tive tempo pra procurar pra hoje. - Então, o Bicudo.. Inclusive ele ficou ali um certo tempo e em 38 ele teria desejado ir para a Espanha pra participar ativamente. Mas como outros brasileiros que iriam mais tarde, não teria podido chegar lá.

ac - Bicudo era Partido?

AC - Partido. Então, eu tenho a carta para Bicudo e tenho a carta...

DR - Ex-prêso também?

AC - Não. Não sei. Eu acho que não. Acho que não. Não foi prêso não. Eu não o conheci na prisão.

DR - Apenas se desligou do Exército.?

AC - Eu acho que sim. Estava fora do Exército. Agora, eu não o conheci na prisão. Eu não posso dizer que não tenha sido prêso em outro local etc, porque não seria justo da minha parte dizer isso. Ninguém contava nada de si mesmo a ninguém. Então o que eu soubesse de visto, por ter conhecido diretamente, eu sabia. O que eu não soubesse eu nem perguntava, porque sabia que ninguém me diria. Eu fiz a minha experiência nesse sentido. Então, eu tinha.. podia contar tudo comigo, porque eu era legal até aquele momento. Passo a ser ilegal justamente quando eu chego no país mais legal que eu tinha conhecido até

aquele momento, que é a França, né.

ac - Você vai morar num hotel?

AC - Eu vou para o... Antes de ir para o hotel eu vou procurar esse moço. Bicudo. Então, procuro Bicudo, me dizem pra voltar... eu vou de manhã, porque eu chego de manhã a Paris, viajei à noite. Então, eu vou procurá-lo, me dizem que ele não está mas que estará a tal hora, eu volto a tal hora, ele diz - tá muito bem. -ne me pôs no hotel e me acompanha pra conhecer Matureil Morot, que hoje é Colonel Fabien, quer dizer o grande subúrbio lá em Paris.

RC - Não é subúrbio não, é um bairro de Paris onde está a sede do PC.

AC - Um bairro de Paris. A sede do PC, né. Então, eu vou com ele, me apresento lá e tal e prepara-se a minha viagem para a Espanha. E, naturalmente, eu vou visitar a D. Leocádia Prestes, a Ligia estava ali com ela. Trazia poucas notícias do Brasil porque, afinal de contas, eu estava na prisão. Eu vou contar pra ela o que se passa, encontro D. Leocádia profundamente acabrunhada porque, naquele momento, num tribunal de segurança, o Prestes tinha sido chamado a depoimento e tinha sido agredido por polícias especiais etc. Ela tinha conhecimento dessas coisas pelos jornais etc. Eu não conhecia uma porção de coisas que se tinham passado no ~~meu~~ período da minha travessia do Atlântico. Mas eu dou o quadro geral que eu conhecia através das.. dos contatos com os familiares, na prisão etc. e tal. E conheço, por acaso, um dirigente do PC, que está em Paris, Honório Martins, mas que tem um outro nome, de passagem, assim andando na rua. E dou andamento então, com os companheiros franceses, cubanos, americanos, que compõem o quadro da solidariedade, da organização de solidariedade, dou andamento à minha passagem para a Espanha. Naturalmente vamos conhecer alguns cabarês, umas coisas da cidade.

DR - São quantos dias em Paris?

AC - Eu passo 3 dias em Paris.

DR - Três dias.

AC - É. O pessoal queria que eu passasse uma semana, mas eu estou muito imbuído das minhas funções espanholas. Eu sou um pouco o salvador da República. (ri)

DR - Ela precisa de nós...

AC - É. Precisa dos militares formados. Eu podia ser um capitão, chefe de artilharia, facilmente. Tinha comandado um grupo, né. Então, podia mais ou menos definir os destinos da guerra, né. (ri).

ac - Como era esse ambiente, Apolonio, de recrutamento pra Espanha? Como era isso?

AC - Era um massa imensa de pessoa. Uma massa imensa de pessoas e tal, ali, vindas de todas as partes do mundo. Mas também ali há os compartimentos estanques. Há a parte dos latino-americanos, que eu vou ter contato com um dirigente americano, cujo nome eu não me lembro, e uma dirigente do elenco cubano, do partido cubano, muito linda. Só sei isso. Dizer dela que ela era muito linda e muito.. muito, digamos assim, muito social, assim muito envolvente. Então, esses elementos nos põem em contato.. me põe em contato, a mim e a Bicuço, nos põem em contato com os problemas possíveis, para definirmos juntos os caminhos da Espanha.

RC - Tem um lance aí que você recebe dinheiro pra comprar sapatos, não sei o que e você volta com...

AC - É. Isso mesmo. Eu vou contar isso. Vou contar isso. Então, eu posso optar pela passagem.... FIM DO LADO 1

FITA 12 - lado 2

AC - ... clandestino lá pelos Pireneus, com guias e naturalmente a coluna de defesa etc., porque era uma área perigosa ou a entrada oficial, legal, como cidadão espanhol. Como eu falo espanhol, desde garoto, porque sou da fronteira do Paraguai e da Bolívia etc., no conjunto, optamos pela entrada legal. E aí eu teria dois elementos muito particulares que, a princípio, me chocaram e que depois eu passei a encarar como elementos interessantes, de folclore na minha trajetória França-Espanha. A primeira questão é que eu faria uma escala necessária em Perpignan, a caminho da Espanha. Então, eu chego a Perpignan, me mando para.. eu sei qual é o hotel ao qual eu devo dirigir-me, nesse hotel, eu vou me.. a prefeitura, eu sei o nome das pessoas a quem eu devo dirigir-me e embora eu chegue no hotel e me apresente como Apolonio de Carvalho, cidadão brasileiro etc., meu passaporte baiano, com todas as minhas características normais, apesar de eu ter me apresentado dessa forma, e estar todo.. o próprio passaporte catalogado lá e inscrito lá, eu vou visitar o prefeito, ele me indica um setor especial da sua administração e aí eu recebo um novo passaporte. O passaporte espanhol. Eu sou Apolonio de Carvalho, nascido também, aquariano, nascido na mesma data e tudo o mais...

DR - O prefeito é comunista?

AC - O prefeito é comunista ou socialista de esquerda, né. Quer dizer, é comunista no duro.

RC - Você não lembra o nome dele?

AC - Não.

RC - Isso sempre pode se encontrar, né.

AC - Isso ele pode saber.

NP - Em que mês foi isso?

AC - Isso foi em fim de julho.

NP - Julho de 37.

AC - É. Fim de julho. Então, o prefeito me indicou uma seção especial dessa parte administrativa, aí eu recebo esse passaporte espanhol. Sou um cidadão espanhol de Almeria, quer dizer, sou andalú... como se diz na Espanha, da Andaluzia ...

DR - Mas com o mesmo nome, Apolonio de Carvalho.

AC - Todas as indicações. Inclusive o nome de Dona Sinhana e do velho Candoca (ri). Todos os elementos assim. Quando eu leio assim, eu quase caio pra trás. Falei assim - Mas como? O senhor sabe que eu estou num hotel, com nome de brasileiro, considerado assim. - O senhor não se incomode que aqui tudo é tranqüilo. - Felizes na frente popular ainda, né. Restos ainda da influência do espírito inicial da frente popular, que a Renée poderia dar a vocês de uma maneira muito precisa, porque viu muito essas questões.

ac - Teu francês dava pro gasto aí?

AC - Ah, bastante. Francês é ginásio, né, mas bastante útil nessas questões. Então, estou eu já tranquilizado por ele, vou lá no meu hotel, eu me despeço etc. e tomo a direção da Espanha como cidadão espanhol. E lá vou eu, rememorando algumas coisas, porque misturo um pouco o espanhol com o guarani, porque, Paraguai essas coisas todas e tal, asseguro o meu espanholzinho e tal, E vou ter um outro elemento de folclore em Portbourg, o último ponto de escala da França...

ac - Através de trem isso?

AC - É. Viagem de trem. Tudo de trem, até Perpignan. Então, em Portbourg, nós devemos atravessar e tomar o tal trem espanhol. Mas passamos pela alfândega. E, na simpática douanne francesa eu sinto que todo mundo apresenta os do-

cumentos, apresenta as bagagens etc., às vezes nem traziam bagagens e todo mundo se encaminha, mas a mim me pedem pra ficar um pouco, esperar um pouco. E eu espero. Espero, daí a pouco me chamam, porquen não há mais ninguém, eu vou ter uma conversa particular com um funcionário que estava presente e mais um outro funcionário que estava presente. E passo por um interrogatório muito sério, porque eu estou com o nome de Apolonio de Carvalho, mas eu não sou Apolonio de Carvalho. Sou o cidadão francês tal e tal, assassino, ladrão, escroque etc. etc. que está procurando escapar da França indo pra Espanha com sobrenome espanhol etc. Eu acho muita graça da questão. - Mas os senhores estão brincando comigo! Olha, eu não quero perder esse trem. Minha família está me esperando em Almeria. - (ri)

DR - E você tinha que falar em espanhol, né.

AC - Não tinha que falar em francês lá. Ele não falava espanhol não. Autoridades francesas. Douanne francesa. Bom. Eu disse - Eu tenho que ir embora, eu não posso perder esse trem. Os senhores estão aí inventando coisas a meu respeito etc e tal. - E eles insistem e eu continuo a achar graça das coisas. De negar, mas como quem está inteiramente à vontade. Há um momento em que verdadeiramente eu passo por um susto efetivo, porque eles dizem - Não, eu não estou brincando. Olha o seu retrato. Olha o seu retrato de frente. - E sou eu, exatamente. - E olha aqui o seu retrato de perfil, se o senhor tem dúvida, não se lembra de quando tirou essa fotografia. - E sou eu de perfil.

DR - Um sósia.

AC - Um sósia perfeito. Felizmente, o problema de idade, o problema de linguagem, um certo ar ingênuo de metêque pouco vivaz nas coisas (ri). Essas coisas devem ter...

DR - É. Porque eles setem que você não é um francês, não é.

AC - Não sei. Eu também podia estar fingindo tudo isso.

RC - Passaram porque você fala espanhol

ac -

AC - Não sei também o que eles sentem não.

ac - Você também passou por um aperto, pô. Porque te pegam na fronteira fazendo uma viagem ilegal, pôxa! Claro.

AC - Pois é. Eu passô por um susto muito sério aí, porque eu posso estar mistificando. E o cara era extremamente parecido comigo. Por fim diz - Não, o

senhor me desculpe. Nós vamos deixar passar isso. - Falei - Perdão. Eu lhes desculpo porque afinal de contas isso é tarefa dos senhores. Agora, deixar passar não, hem. Eu ainda volto a tratar desse problema. -. (ri). Nós, cidadãos espanhóis somos muito vingativos. - (ri). E lá vou eu pra Espanha. Vou pra Espanha...

DR - E a história do calçado, que você não contou?

AC - Ah! É verdade.

ac - Não. Nós estamos em Paris ainda, pô. Calma aí.

DR - Ninguém vai deixar você entrar na Espanha assim rápido não.

AC - Eu estou contando... Bom. Essa é a trajetória pra Espanha. Agora, em Paris, eu tenho passado esses três dias, eu contei a vocês que vou com uns amigos a cabarés, fazemos umas farras etc. Eles gostariam de continuar esse trabalho comigo, porque eles também têm pretexto pra fazer isso oficialmente e tal. Depois eles devem pensar...

RC - A cubana, você encontrou?

AC - Não. Não vi mais. Não. Mas a cubana são outras coisas. Então, Vou contar as outras coisas da cubana. Então... (ri) Mas é o seguinte, eles sentem também que eu posso ir e não voltar. Há também esse problema. Então, eu passo com eles mais um momento, que eu viva um pouco mais as coisas bonitas de Paris, compreendo, o Louvre, uma série de coisas.

DR - E esses camaradas são brasileiros ou são franceses?

AC - É o Bicudo.

DR - É o Bicudo e...

AC - e o entourage brasileiro dele. Brasileiros.

DR - Entourage de brasileiros.

AC - É. Entourage de brasileiros. Agora... No...

NP - Inclusive Portinari?

AC - Não. Portinari é mais tarde. Portinari é mais tarde, depois da guerra. Agora, acontece que em Matureil Morot, quer dizer, no quadro da solidariedade, eu sinto a necessidade de dizer a ele - Bom, eu vou fazer uma viagem aí como cidadão espanhol, seguramente e tal. Uma viagem talvez pelos Pirineus, talvez não etc. e eu estou descobrindo que os meus sapatos estão ruins. E eu gostaria que vocês me ajudassem a comprar um par de sapatos, porque eu vim sem reserva nenhuma. O pouco que eu tive eu gastei na viagem do Havre pra Pa-

ris, assim, o primeiro táxi, essas coisas, mas eu não tenho dinheiro pra isso. E os amigos aqui vivem numa situação difícil. - Disse - Não, mas nós temos todas as condições e tal. - E me dão 100 francos pra eu... Ainda são antigos francos, né, René. Me dão 100 antigos francos pra eu comprar o sapato. E eu vou comprar um sapato modesto etc. Compro um sapato por 60 gfrancos. 50 ou 60 francos. E vou a Maturcil Mont de devolver os 40, 50 francos restantes. E aí já começam as minhas primeiras dúvidas sobre o ambiente. Aquilo é uma coisa extraordinária. A cubana me dá dois beijos e diz - Você tem que ser posto numa vitrina! - (risos). Eu falei - Só por isso? - Não, porque você é um moço bonito -. Mas era sobretudo por causa disso. (ri).

ac - Aí você não quis ir mais pra Espanha...? (rindo) Essa cubana merece que eu fique mais um pouco em Paris.

AC - (ri). Não. A cubana tinha seus compromissos, seguramente, com figuras mais bem colocadas no plano partidário e tal. Mas então... Eu estou contando os detalhes pra vocês, como a René tinha pedido. E dentro desse conjunto eu chego a Espanha. Chego a Espanha, eu vou pra Valencia. Nesse momento, julho, fim de julho...

ac - Mas a partir daí não teve mais incidente. Você passou essa parte da duana...francesa...

AC - Não. Numa outra escala assim eu procuro, naturalmente...

ac - Quanto tempo durou essa viagem tua de trem até chegar?

AC - Eu tenho a impressão de quem em 2, 3 dias eu estava em Valencia. Valencia era a nova capital da República.

ac - Foram com você também outros combatentes?

AC - Não. Eu sozinho, absolutamente sozinho.

ac - Quer dizer, nem de outras nacionalidades, que você soubesse que ia?

RC - No trem não havia outros?

AC - Se tinha eu não conhecia. Não vi ninguém. Eu viajei só, absolutamente só.

DR - Agora, quando você atravessa a fronteira, nessa parte que você atravessa, o outro lado é republicano?

AC - Claro! Bom. É interessante que nós tivéssemos... mas eu tenho aí o mapa, o mapa da Espanha, nessa época. em que a Cataluña, Aragão, Valencia e parte considerável de toda a zona centro-sul são ainda republicanas. É praticamente ainda a metade oriental da Espanha. Aquela que, do ponto de vista marítimo,

linda como o Mediterrâneo. Aí está a república. A metade occidental, aquela que ligaria com Portugal, não é isso, e na parte mais alta com o Atlântico, a parte da Galícia, o golfo de Cascoigne etc. na França e tal, esta estaria com Franco, estava com Franco. Então eu entro numa parte profundamente segura porque é a metade republicana.

RC - E qual é o ambiente lá? O ambiente assim de frente popular, alegre ou não?

AC - Renée, eu chego...

RC - Porque ^{em} Paris você entrou um ambiente assim febril, alegre.

AC - Muito alegre. É. Em Paris eu conheci um ambiente alegre, mas foi fundamentalmente por conhecer a alegria dos cabarés com os amigos e tinha apenas o ambiente dos brasileiros. não tive outro contato.

ac - Sim. Mas tinha nesse local aí gente de outras nacionalidades e tal rondando.

AC - Não. Sobre Matureil Morot, isso é outra coisa, mais especial. É um ambiente do pessoal que vai lá pra se alistar, pra dar contribuições etc. E eu disse a vocês que mesmo lá havia um lado estanque. Eu não tomei contato com toda essa gente. Eu vi de longe. Porque a parte dos latino-americanos é uma parte especializada. É nessa parte que eu vou ter meu contato. Um problema de organização e um problema de segurança. É um problema de muita infiltração também. Eles me dizem - há muita infiltração. Muito cuidado. Eles se chocam comigo, inclusive...

ac - Quem dirigia isso aí? Eram franceses, espanhóis?

AC - É um conjunto de personalidades de todo o mundo. São franceses, são americanos, são italianos, são suecos, são ingleses, são alemãs. É a solidariedade continental, mais a solidariedade das Américas. A América Latina não está representada por figuras muito altas nesse quadro. Muito altas. A América Latina está seguramente com alguns dos seus elementos mais qualificados, como Codovilla, por exemplo, dirigente do Partido Comunista argentino durante muito anos, membro da Internacional. Os que são membros da Internacioanl estão, naturalmente, na Espanha como em outros lugares, a serviço da Internacional. Nesse quadro legal eu vim a encontrar personalidades comunistas, socialistas, de toda a Europa. Eu não chegava a essas personalidades.

RC - Esse Honório Martins, do PC brasileiro, o que que ele fazia lá?

AC - Ele era elemento da direção nacional do Partido. Isso eu apreendi mais tarde, através da história do PCB e da época. Os livros de Carot, e outros livros da sua época. Então, ele era um membro do comitê central do Partido, que estava em Paris nesse momento a caminho de Moscou pra discutir na Internacional comunista os problemas referentes ao Brasil, a nova situação criada depois do movimento de 35, os anos 36, início de 37 etc.

NP - Quem era esse? Como era o nome dele?

AC - Honório Martins. Então, eu fui saber depois que era Honório Martins pelo cognome que ele me apresentava naquele momento. Então, o meu contato já com a massa da população vai se fazer na Espanha. Eu chego na Espanha eu tenho, o meu prefeito de Perpignan me dá tudo, né, onde eu devo me apresentar em Valencia etc. Então eu vou me apresentar. Tem um pequeno hotel, onde há várias pessoas de vários lugares. E aí eu vou conhecer um pequeno hotel que é dirigido pelas juventudes socialistas unificadas, quer dizer, comunistas e socialistas. Na Espanha, a juventude tinha feito a sua fusão, juventudes comunistas e socialistas. Como o PC da Cataluña tinha feito. Era o PS (251) Partido Socialista Unificado da Cataluna. O resto da França não.. da Espanha não. Então, lá há essa direção da juventude, um ambiente extremamente juvenil, alegre, vivo, apesar de toda a tragédia da guerra. Uma confiança infinita nas possibilidades da guerra. E, naturalmente, a minha solidão de brasileiro em caminho da França e a caminho da Espanha, quebra-se aí, porque aí eu vou conhecer outros brasileiros e outros latino-americanos.

ac - Nesse hotel.?

AC - Nesse pequeno hotel. Aí eu vou me encontrar com David Capistrano. Já o Guei da Cunha tinha passado um dia ou dois antes e tinha ido pra um outro hotel. Já o Zé Correia de Sá tinha ido com o Guei da Cunha pra esse outro hotel. Eles tinham chegado praticamente ao mesmo tempo que o Capistrano e que eu. Mas o meu contato aí é feito com o Capistrano. Eu passo a conhecer Capistrano, que eu não conhecera pessoalmente antes, na Casa de Detenção, porque ele estivera com os soldados, cabos, sargentos da Aeronáutica e outros contingentes, naquilo que na Detenção se chamava o Pavilhão dos Primários, diferente do pavilhão principal onde nós tínhamos estado, os oficiais, intelectuais etc. Já contei isso antes a vocês. Então, aí eu conheço o Capistrano, fazemos as nossas...

ac - É da tua idade mais ou menos o Capistrano?

AC - É. Minha idade. Talvez um ano ou dois menos. Eu tinha 25 anos nesse momento.

DR - Ele tinha passado militar donde?

AC - Ele era participante da revolta do 35, do levante de 35 na Aeronáutica.

ac - Capistrano é formação militar? Não, né?

AC - É. Tem formação militar. Cabo e sargento. Mas aí nós vamos apresentarmos, naturalmente o pessoal da juventude muito gentil, muito solidário, muito envolvente, nos leva aos primeiros comícios. E eu vou aos primeiros comícios conhecer de longe assim algumas das figuras. Conheço Uribe, ministro da Agricultura, o homem da reforma agrária. Fico conhecendo Jose Diaz, o secretário geral, de passagem assim, numa cerimônia. E fico conhecendo o que é a massa de participantes comunistas e não-comunistas nos grandes mítos, nas grandes conferências, nas grandes festas de mobilização para a guerra. Uma guerra muito dura e um espírito amplo de participação. E uma alegria proveniente da confiança nas transformações que o processo de guerra está permitindo e, ao mesmo tempo, no resultado da guerra.

ac - Nesse momento a tua empolgação acende...

AC - Não é só isso. Nesse momento eu choro ouvindo a Internacional, né. (ri) Primeira vez que eu ouço a Internacional.

RC - Mas vocês cantavam na cadeia.

AC - Nós cantávamos, mas ouvir é outra coisa, Renée. (ri). Ouvir o problema pela banda de música ou pela orquestra e pela massa, isso é outra coisa. O Capistrano e eu chorávamos como crianças. Como crianças. Era uma alegria extraordinária, uma emoção extraordinária. Então... Tínhamos, naturalmente, tudo o que era necessário, casa, refeições etc. contatos. E dali nós íamos para os centros de formação profissional. Não no sentido de de formação em si.

DR - Antes de ir praí, você encontra outros estrangeiros?

AC - Eu vou falar nisso. Mas eu estou dizendo. Daí nós íamos para os centros de adaptação, quer dizer, ali onde se formam as unidades seja de infantaria, seja de artilharia, seja de cavalaria, sejam outros, para irem para as frentes, mas ainda na retarguarda. Aí vamos conhecer as nossas unidades. Aqui lo que se chama a colocação dos quadros militares nas suas unidades de ação.

Isso logo depois, né. Nesse momento nós temos contato com alguns latino-americanos. É pena que eu não tenha podido guardar os nomes desses latino-americanos. Mas aí nós conhecemos dois companheiros paraguaios. Um deles morreria na Espanha. E conhecemos companheiros do Panamá, companheiros da Guatemala, companheiros argentinos.

ac - Quer dizer, aí vocês ainda continuam agrupados com latino-americanos.

AC-- No hotel. O Hotel ali é sobretudo de latino-americanos. Os espanhóis não têm essa preocupação, mas no momento os que estamos ali, em maioria, somos latino-americanos e nos conhecemos. Porque também a vida é muito presa, nossa, lá. Porque temos que nos apresentarmos ali, apresentarmos aqui, comprarmos o material nosso de ação, uniformes, essa coisa toda. E são poucos dias em Valencia. E aí a surpresa quanto a realidade espanhola. Porque eu me fantasiava uma república onde as forças de negação das liberdades, das conquistas populares, onde os direitos humanos e tal estivessem.. as forças da negação dos direitos humanos estivessem completamente eliminadas ou pelo menos deslocadas ou pelo menos, digamos assim, imobilizadas. Mas não. Eu começo a sentir quanto a República está marcada por brechas muito sérias na segurança dos cidadãos. Muito, muito sérias. Às 6 horas da tarde já começa a fazer noite e não iluminação das cidades à noite por causa dos bombardeios aéreos. Tornaria mais fácil a localização dos elementos mais importantes de cada alvo. E, a partir das 6 da tarde, nós estamos nas ruas principais da cidade, Capistrano, eu, os paraguaios e nós, estamos nas ruas principais da cidade, acabamos de jantar, vamos passar por tal lugar onde sabemos que há uns melões muito gostosos e tal, vamos comer, ou então vamos conversar com tais e quais meninas, porque as garotas do hotel também marcam encontro com a gente pra beber qualquer coisa, conversar, dançar e tal. Essa alegria de moço. E o que acontece é que nas ruas nós sentimos que há tiros de pistolas e de revolveres sobre os transeuntes.

NP - Mas tiros de quem?

AC - Ah, é! É a quinta coluna dentro da cidade! E a República é incapaz ainda de impedir isso, de prever isso. Essa impotência da República choca aos que chegamos:

ac - É uma insegurança...

AC - É uma insegurança relativa, mas muito clara. Ela é relativa, não é um

problemas que se faz a cada passo nosso, mas é uma coisa que se repete duas, três vezes em cada uma das 3 noites que nós estamos lá. Mas se isso se repete nas ruas pelas quais nós passamos, poucos trechos de rua, é por que está se repetindo em outros trechos de rua etc. Há inquietação. Na artilharia nós temos um tipo de fogos, fogos que não são de destruição de muralhas, nem de trincheiras nem fortificações. Que não são de neutralização das tropas de defesa de determinadas posições normalmente, que é o ataque de nossas tropas, mas é os fogos que inquietam, porque deixam em suspenso a dúvida sobre o que ~~na~~ está se preparando depois desses fogos. Se são a preparação de ataques ou não, se são preparações de tais ou quais sordidas etc. Esses fogos de pistola ou de revólver tinham um pouco dessa idéia de inquietação. E como você diz muito bem, Alvaro, de insegurança, de estímulo, né, a um sentimento de insegurança, que, no fundo, trazia consigo, como trouxe sobre nós, não a dúvida, mas uma certa restrição ao poder, que nós considerávamos absoluto, da República e dos seus órgãos de defesa da população. Isso é um elemento importante pra nós nesse momento. Agora, nesse trabalho que é feito em conjunto, eu estou muito feliz de conhecer esses paraguaios, eu estou extremamente feliz de conhecer Capistrano. Porque, na Detenção, o Ivan Ramos Ribeiro, o Leiva Antero, essas pessoas que tinham sido colegas na Escola Militar e que tinham falado de Capistrano como uma figura muito alta, do ponto de vista de consciência, sinceridade meritante, compreende, e tal. Então, eu estava muito feliz em conhecer o Capistrano. Agora, os destinos vão ser diferentes, porque eu sou artilheiro, ele vai procurar ou na aviação ou na infantaria. E também vão ser diferentes os destinos porque as funções vão ser diferentes. Eu vou ser colocado como oficial, imediatamente, reconhecido como oficial. Eu tenho a impressão de que se precisava muito, no quadro da República, o corpo de oficiais de artilharia. Mas eu tinha a impressão também que se precisava muito de se ampliar o campo da aeronáutica e no entanto Capistrano não vai pra aeronáutica. O José Correia de Sá, sargento da aeronáutica, não vai pra aeronáutica. Pra aeronáutica vai só Eneás de Andrade, que morreu depois em combate. Eu saio oficial e ele, Capistrano, como outros companheiros brasileiros - isso podíamos conversar depois - vão ficar, embora alguns deles sejam oficiais, como Dinarco Reis, era oficial no Brasil, vão ficar como soldados nas brigadas internacionais. E vão ser combatentes, magníficos combaten-

tes, na 22a. Brigada, a Brigada Garibaldi, formada pelos voluntários italianos, uma das mais conhecidas das brigadas internacionais. Então, aí, em seguida, depois de 3 dias, nós nos separamos porque ele segue para um centro de formação de unidades ou de reformulação de unidades - batalhões só depois as grandes batalhas - e eu sigo para Almancia, uma cidade situada na província de Albasete. Porque em Almancia está o grande centro coordenador de núcleo de formação das unidades da artilharia. E aí eu vou conhecer a minha primeira unidade em terras espanholas. Uma bateria de artilharia. Que vai trabalhar com velhos canhões alemães, Krupp. Bem velhos canhões alemães, do período anterior a primeira guerra mundial. (ri). E vou conhecer o meu companheiro de funções, porque eu sou um oficial auxiliar que comanda a metade da bateria, duas peças. A bateria tem 4 peças. Duas seções. Eu vou ser comandante de uma das seções. Ao meu lado, um professor do curso secundário da Vasconia, do país basco, chamado José Prieto, é o tenente comandante da outra seção e o nosso comandante era uma figura exemplar de militar e combatente, de antifascista, que se chama Juan Palomares, antigo sargento da artilharia, armado com os conhecimentos de um curso de 6 meses numa escola popular de artilharia que a República formara. E que sabe tanto de artilharia ou um pouco mais do que eu que tinha 4 anos de formação na Escola Militar do Brasil.

DR - Mas ele era mais velho?

AC - Um pouco mais velho. Eu era um garoto de 25, ele devia ter os seus 30 anos. Mas era muito moço ainda.

ac - Nesse ambiente aí de Valencia, de.. tinham mulheres? Quer dizer, havia combatentes? Havia mulheres que estavam vindo participar da guerra ou a guerra era uma coisa pra homem só?

AC - É uma boa pergunta, porque... Não havia mulheres, nas Forças Armadas, como combatentes, mas havia uma participação imensa das mulheres em todas as outras áreas. Política, administração, de...

RC - Enfermagem.

AC - Enferma.. Não só enfermagem também, ans...

NP - Estrutura.

AC - ... e todo o problema de ajuda às frentes, problema de teatro, de contatos etc. É também isso que você chama de infra-estrutura - os hotéis, as pensões, os transportes. Como os homens eram mandados pras frentes, tanto os

homens da cidade como os do campo, e eu teria nas minhas sucessivas unidades de artilharia, eu teria um contingente muito forte de estudantes e de jovens assalariados da cidade, mas também contingentes amplos de camponeses. Em função também do desenvolvimento ~~igual~~ desigual econômico, político e social da Espanha, que nós conhecemos no Brasil. Toda a parte da Andaluzia, mas sobretudo toda a extremadura são áreas particularmente agrícolas. Então, como os homens são levados, tanto da cidade como do campo, pras frentes, todas as ocupações, não digo no plano da produ.. em parte na produção, mas em parte no quadro geral dos serviços, da infra-estrutura de apoio às frentes, tem uma participação, um apoio muito grande das mulheres. Muito, muito grande. Nós vamos ter contato diretamente assim num plano, digamos, de funções, através dos grupos de teatro que vêm às frentes para visitar-nos, para aliviar um pouco aquela solidão, aquele ambiente de isolamento relativo, nós estamos no meio do mato, sobretudo nas primeiras áreas onde eu vou atuar, Extremadura, Córdoba, depois vou a Pe , também volto pra essa área. São áreas onde as frentes estão, verdadeiramente, dentro de florestas, né, com, naturalmente, a terra de ninguém pela frente. E ali nós temos a visita dos grupos teatrais, de elementos que vêm também fazer um.. momentos de declamação, conferências, palestras etc. e as mulheres estão muito presentes nesse quadro. Agora, fora disso, as mulheres estão na produção e nos serviços....

FIM DA FITA 12